

MOVIMENTO, COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO MST

SILVA, Samuel Ramos da – UFSC

GT: Educação de Pessoas Jovens e Adultas / n.18

Agência Financiadora: Não conto com financiamento

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste estudo está focalizado no que se refere ao movimento humano como forma de comunicação e linguagem na Educação de Jovens e Adultos –EJA, do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra -MST pois, pela convivência com essas populações, venho percebendo que o homem e a mulher do campo, especificamente o/a trabalhador(a) rural, apresenta um jeito próprio e característico na sua maneira de se comunicar, na qual o uso da linguagem é muito mais verbal e gestual do que a linguagem escrita.

Semelhante linguagem – a escrita - se faz necessária, porém, à medida que estes sujeitos interagem socialmente, precisam e compreendem que devem dominar e utilizar-se do código escrito no sentido de se tornarem autônomos em suas realizações. Essa autonomia, de certa forma, aumenta o grau de auto-estima conforme temos presenciado e coletado em seus depoimentos. Sem esquecer que, ao exercerem este domínio, acabam por exercer um ato de cidadania.

E ainda, por pertencerem a um Movimento social que luta pela Reforma Agrária, que pretende combater e resistir ao sistema capitalista, na perspectiva de uma transformação social, torna-se imperioso dominar a linguagem escrita tendo-a como ferramenta de resistência, pois é preciso estar a par dos acontecimentos atuais. Para tanto, torna-se fundamental estudar e conhecer os fatos historicamente construídos pela humanidade para, a partir desse conhecimento, construir uma prática que tenha como objetivo transformar a realidade, constituindo-se *num sujeito social com perspectiva de futuro*” (CALDART, 1999:33).

Não tive a pretensão de fazer um estudo sobre lingüística, devido à complexidade e à abrangência do tema. Fiz, contudo, uma abordagem referente às questões da comunicação e linguagem.

Neste estudo, procurou-se aprofundar o tema referente ao movimento humano, pois se considera que o corpo seja um suporte de signos e *o canal físico da mensagem*¹; levando em conta também o pressuposto de que a cultura de movimento do homem e da mulher do campo (trabalhador(a) rural) apresenta uma linguagem diferenciada da linguagem dos meios urbanos, rica em significados e peculiaridades.

Como marco teórico referente às questões que envolvem a comunicação e linguagem/movimento humano/corporeidade, recorri aos estudos de BAKHTIN (2002); SANTIN (1987, 1989), além do apoio de outros autores.

Nas questões referentes ao MST, recorri aos seus próprios documentos, aos livros e estudos acadêmicos de autores militantes ou pesquisadores do tema MST tais como: CALDART (1999); BELTRAME(2000) e MEDEIROS(2002).

Quanto à metodologia, a pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, com base em autores como: CHIZZOTI (1991), ALVES (1991) LUDKE e ANDRÉ (1986) que apresentam estudos sobre essa vertente de pesquisa, que oferece um amplo universo de possibilidades para se conhecer o sujeito investigado envolvido neste estudo, ressaltando o fato de o pesquisador ter sido o principal instrumento da investigação e a importância de o mesmo conviver no ambiente pesquisado, ou seja, possuir um contato direto e prolongado com o campo.

a coleta de informações, foi realizada com os seguintes instrumentos: entrevista aberta, observações, fotografias, filmagens e a realização de oficinas pedagógicas.

Minhas observações com vistas à coleta de informações tiveram início a partir de novembro de 2001, quando participei do II ENEJA SUL (II Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos do Sul do Brasil), promovido pelo MST, na cidade de Itaara, no Rio Grande do Sul, que reuniu educadores do Paraná, Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Durante o II ENEJA Sul, tive a oportunidade de perceber como se dá o processo de alfabetização de jovens e adultos no MST.

O que chamou mais a atenção naquele encontro foi o comprometimento com a educação e a consciência política daqueles educadores, convictos de que é preciso investir na educação em todos os níveis de ensino.

¹ DOUGLAS *apud* OLIVEIRA: 1992 p.114.

Este princípio está pautado no lema “nenhum analfabeto nos assentamentos no mais distante recanto do país²”, e esta convicção é vivenciada em suas práticas pedagógicas por uma consciência orgulhosa³, uma força que brota e contagia todos.

Essa proposta de pensar uma política para a educação na qual todos devam e precisem ser incluídos aguçou meu interesse no sentido de querer saber como se dá essa prática pedagógica na relação educador/educando; quais os mecanismos usados; como essa consciência orgulhosa se manifesta; que formas e especialmente que linguagens são trabalhadas nas aulas de EJA e, mais especificamente, que formas de linguagens podem ser ou estar inseridas na educação de jovens e adultos do MST que possam caracterizar e ao mesmo tempo diferenciá-la das propostas oficiais sempre vinculadas aos interesses políticos e econômicos alheios aos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Com base nos questionamentos levantados neste estudo referentes às linguagens que modelam a ideologia do Movimento, apresento a *mística Sem Terra como possibilidade de múltiplas linguagens*, visto que esta concentra no bojo de suas atividades todas as aspirações, sonhos e utopias dos militantes, como também representa a vida e o cotidiano dos assentados e acampados na luta pela Reforma Agrária. Posteriormente, faço uma análise das linguagens/movimentos do coletivo de educadores em suas ações e atividades de formação, durante os encontros de capacitação e de escolarização ocorridos de novembro de 2001 a fevereiro de 2003.

E, finalmente, faço considerações sobre a importância da linguagem como modeladora da ideologia⁴, não só pela palavra, mas também pelos gestos como forma de expressão e comunicação, tão comuns entre os trabalhadores e trabalhadoras rurais estudados.

Aponto para a necessidade da criação de espaços de capacitação e formação para estudos mais sistematizados sobre o significado da mística, seus objetivos, sua origem, seu sentido, reforçando seu caráter educativo, com dimensões pedagógicas e de formação

² CALDART, R. Educação em Movimento, 1997:40.

³ Categoria utilizada por BELTRAME (2000:192) “Os professores desenvolvem um sentimento positivo em relação ao seu trabalho centrado na auto-estima, consciência do valor social do seu trabalho e de que sua prática integra um amplo projeto político e de educação.

⁴ A ideologia entendida como fato social, produzida pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar [...] não sendo um amontoado de idéias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das idéias pela sociedade, ou seja, por formas históricas determinadas das relações sociais (CHAUI, 1983:31).

política. É importante que, com base em tal compreensão o educador/militante se afirme criticamente, percebendo-se enquanto sujeito coletivo, sem perder de vista sua dimensão de sujeito singularizado dotado de sentimentos, emoções, desejos e necessidades próprias.

AS LINGUAGENS/MOVIMENTOS NO COLETIVO DE EDUCADORES DE EJA

Conforme venho apontando desde o início deste estudo, meu interesse de pesquisa está voltado para as questões da linguagem e do movimento humano tendo o corpo como possibilidade de expressão.

Partindo da idéia de que toda atividade humana é visível e realizada na corporeidade e, à medida que vivemos a corporeidade ou nos sentimos corpo, nos tornamos significativos a nós e aos outros, os mundos da subjetividade e da inter-subjetividade tornam-se a gênese da vida e da convivência expressiva. Somos significativos e passamos a ser significativos para os outros, o que produz a comunicação. O gesto e a palavra são os amplificadores do universo significativo, ou seja, do universo humano. *O corpo e seus movimentos estão sempre no centro de qualquer manifestação e possibilidade expressiva* (SANTIN, 1987:51).

Tenho como dados de análise a minha convivência com os educadores de EJA, no período de quatorze meses de pesquisa, em vários momentos e em circunstâncias diversas, o que permite tecer algumas observações e opiniões a respeito da cultura de movimento e linguagens encontradas entre estes sujeitos sociais.

Partindo do objetivo primordial do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra o MST, que é a luta pela reforma agrária e considerando que esta luta tem se dado pelo confronto direto com os latifundiários, autoridades públicas, pertencentes ou defensores da classe dominante e opressora, é notório que este enfrentamento se dá principalmente pela ocupação de terras, praças públicas, prédios e órgãos públicos.

Essas ocupações se dão pela presença de muitas famílias compostas por homens, mulheres e crianças. São corpos a se movimentar, manifestar-se e a se expressar numa comunicação na qual a linguagem se dá pela fala, e por gestos; por gritos de ordem e gestos que expõem seus instrumentos de trabalho, como a foice, o facão, as enxadas, ou os braços erguidos como símbolo da luta acompanhado do hino que representa o MST.

É como corpo que o militante do MST estabelece sua luta pela construção de uma nova sociedade mais justa, mais solidária.

Em princípio, parece que essa exposição de crianças, mulheres e homens, durante uma ocupação, demonstra uma certa agressividade aos seus oponentes e a eles próprios; porém, é a maneira mais forte encontrada pelo Movimento, pois o corpo do trabalhador nesse momento é o símbolo maior de sua luta. É como corpo que ele sofre as conseqüências da falta de terra para produzir seu sustento, é como corpo que ele sofre a falta de escola para seus filhos, é como corpo que ele sofre todo tipo de opressão pela exclusão social à qual é submetido. No corpo está a representação materializada de sua luta.

O Militante que participa de uma ocupação não vê essa atitude como invasão ou apropriação indevida, ele acredita estar lutando pela conquista de um direito, o direito à terra para morar e para plantar, para viver.

Segundo Frei Sérgio GÖRGEN, citado por BEZERRA NETO, as ocupações de terra não podem ser vistas como atos criminosos, como entendem alguns fazendeiros e alguns integrantes do poder judiciário. Estas ocupações devem servir para corrigir a injustiça presente e para mudar a legislação. Ocupar é um direito de legítima defesa de quem já foi afrontado e expropriado de seus direitos fundamentais, *pois a terra e os bens da terra se destinam a todos os homens* (BEZERRA NETO, 199:32).

Diante de sua condição, em que a única possibilidade de conquistar a terra se dá pela ocupação, as pessoas ignoram, pelo menos momentaneamente, as conseqüências que porventura aconteçam e adentram aquele espaço físico. A fala de um integrante do grupo de educadores sujeitos desta pesquisa confirma a questão:

“Quando fui para a ocupação, minha indignação era tanta e minha esperança na luta era tamanha que eu nem me lembrei que a polícia poderia nos atacar, não deu tempo para ter medo Quando percebi já tinha ajudado a cortar a cerca e estava armando o meu barraco de lona. De tão cansado que estava, cheguei a dormir. Fui acordado por um companheiro, me informando que a polícia estava pronta para entrar em ação e fazer a desocupação”.

MARCUSE (apud SANTIN, 1987:69), diz que um indivíduo se torna revolucionário somente quando, entrando na luta, nada tem a perder; pois a simples idéia de mudança atrai,

porque além de ser a negação do presente que lhes é totalmente desfavorável, nasce a esperança de que mudando, as coisas podem melhorar.

Uma vez conquistado o espaço físico da terra; a luta do trabalhador não pára, ela continua. No assentamento, a formação de uma nova corporeidade vai sendo constituída, vai surgindo um movimento na intenção de construir um pensamento homogêneo, a luta por um ideal.

A conscientização vai se dando à medida que o trabalhador vai sendo exigido na sua totalidade; logo a corporeidade é aqui entendida como *o homem em todas as suas funções e vivências, isto porque a humanidade do homem se confunde com a sua corporeidade* (SANTIN, 1987:50).

O Movimento, ao propor uma nova sociedade, busca com a conscientização social e política a construção de um novo homem e de uma nova mulher. Essa construção vai se dando à medida que os assentados vão se inserindo nas atividades coletivas; na busca por melhores condições de vida, em que a educação é entendida como uma bandeira de luta tanto quanto a conquista da terra. Entre as questões ligadas a este tema, a educação voltada para a alfabetização e escolarização de jovens e adultos é considerada de importância fundamental tanto como conquista de seus direitos como trabalhadores, bem como agente de transformação, além de ser um instrumento necessário na organização do Movimento.

“Para o MST, investir em educação é tão importante quanto o gesto de ocupar a terra, um gesto, aliás, que se encontra no cerne da pedagogia do movimento. Aqui, educar é o aprendizado coletivo das possibilidades da vida. As dores e as vitórias são face e contraface do mesmo processo”
(PEDRO TIERRA, apud CALDART, 1997:23)

O gesto aqui é colocado como linguagem ideológica, apresentando um grau de consciência, de clareza, orientado pela firmeza de uma organização, nesse caso, o MST pois *é a sua condição social que determina que modelo servirá para a sua construção* (BAKHTIN,2002:116).

No contexto da Educação de Jovens e Adultos do MST, a proposta de trabalho assume um papel não só de ensinar a ler e escrever mas também de formação política de seus militantes. Neste sentido, são muitas as linguagens que compreendem esse universo de significações, sendo que se pode ter **a mística como possibilidade de múltiplas**

linguagens, por ela estar presente no cotidiano dos militantes do MST, que a assumiu como elemento fundamental para semear e alimentar o ânimo entre os militantes, no sentido de revigorar suas forças para novas lutas, bem como os unificar e os fortalecer enquanto coletivo, possibilitando-lhes, dentro desse processo, a conquista de uma *consciência ideológica* (BOGO, 1988:5).

Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência; portanto o pensamento, a atividade mental, que são condicionados pela linguagem, são *modelados na ideologia* (BAKHTIN, 2002:16).

A mística do MST, ao utilizar em seu contexto a poesia, a música, a dança, o teatro, os instrumentos de trabalho, o seu próprio jornal e os acontecimentos da realidade local e social, possibilita a construção de um conjunto de símbolos, que vão sendo convertidos em signos ideológicos que refletem uma realidade. BAKHTIN (2000:35) considera os símbolos como responsáveis pela aquisição da consciência, pois, para ele, *a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado, no curso de suas relações sociais* (BAKHIN, 2002:35).

A celebração da mística dos Sem Terra reflete uma realidade e de alguma forma toca nos sentimentos das pessoas que dela participam ou que a presenciam. De acordo com MEDEIROS (2002:161), a intenção é fazer com que, ao presenciar uma celebração, as pessoas se sintam vivas; que, ao se defrontarem com a mensagem trazida por um poema, por uma canção entoada ou pela teatralização realizada, elas experimentem sentimentos de alegria ou tristeza, de coragem ou medo, de satisfação ou frustração, de saudade, de indignação, de vontade de lutar.

O Movimento considera importante que os seus educadores sejam capazes de desenvolver esse processo dentro dos assentamentos e acampamentos possibilitando resgatar pela prática da mística e de outras atividades políticas os princípios e objetivos da causa porque lutam.

Neste contexto se inserem os Educadores atuantes na Educação de Jovens e Adultos do MST/SC, sujeitos desta pesquisa, em que a celebração da mística foi uma prática que ocorreu diariamente com esse grupo de educadores, desde o primeiro dia do I Encontro Estadual de Capacitação, nos encontros regionais, ao último dia do IV Encontro Estadual de Capacitação de Educadores de EJA.

Num primeiro momento passa a impressão de um ritual, já que ela é a primeira atividade oficial do dia. Percebi que, para os militantes do Movimento, é considerada como uma atividade “sagrada” que em hipótese alguma pode deixar de ser realizada. É a celebração da mística que dá o tom da dinâmica do dia.

Porém, ao me interar do seu caráter, tanto ao presenciar as celebrações quanto ao estudar os documentos do Movimento tais como os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores e pelos intelectuais orgânicos do MST, constata-se que a mística é mais que um ritual, conforme diz Medeiros (2002:166), *ela se revela como importante metodologia de mobilização social: a dimensão pedagógica*.

A mística se revela como dimensão pedagógica à medida que se utiliza dos fatos cotidianos, ou dos que marcaram e marcam tanto a história da humanidade como do próprio Movimento Sem Terra. Ela sugere a reflexão sobre a realidade social em que vivem, possibilitando aos que a vivenciam entender sua condição de vida e a do coletivo em que vivem como um fato social historicamente construído.

As místicas que eram realizadas em todas as manhãs servindo como abertura para as atividades do dia não eram feitas de forma espontânea e momentânea, eram sempre elaboradas com antecedência, pois é prática do Movimento dividir o grande grupo em equipes, denominados de “brigadas”, formadas sempre no primeiro dia do encontro. Assim, uma brigada fica responsável por realizar as tarefas do dia, tais como: fazer a limpeza do local das atividades, dos banheiros, dos dormitórios, da cozinha e outras dependências de acordo com a necessidade do local⁵.

E, entre essas atividades está a realização da mística que fica sob a responsabilidade de uma brigada para apresentá-la naquele dia. Essa escala é feita com o objetivo de dar à brigada responsável tempo para elaborar, construir e ensaiar a mística, que fica mantida em segredo, até o dia da apresentação. A mística, apresentada no início da manhã, tem como objetivo abrir os trabalhos do dia e propor ao grande grupo a reflexão do tema apresentado que, geralmente, aborda as temáticas estudadas no dia anterior ou referentes aos assuntos

⁵ Essa postura adotada pelo MST está vinculada ao pensamento e ao trabalho desenvolvido por Makarenko, na direção da colônia Gorki na Rússia pós-revolução, onde ele afirma que “exigia a educação de um ser humano resistente e forte, capaz de executar também trabalhos desagradáveis e trabalhos tediosos, se eles são requeridos pelo interesse do coletivo. Segundo esse autor, como principio educacional para a formação do “novo homem”, deve-se “exigir o máximo da pessoa e respeitá-la ao máximo” (MAKARENKO, 1985: 9 -152).

que serão estudados durante o dia; ou, ainda, questões que envolvam as políticas públicas para educação, saúde, moradia, financiamento da produção, enfim, assuntos relacionados à realidade dos trabalhadores rurais sem Terra, da sociedade brasileira e do mundo. Além de expressar, estimular e festejar os valores e as utopias sustentadas na concepção de mundo defendida pelo MST, a mística difunde e reafirma os compromissos políticos-ideológicos do Movimento.

Com referência à mística cotidiana, de todas as manhãs, todo o seu processo de construção até a apresentação era feito de forma coletiva. Era comum, todos os dias após o encerramento das atividades do período noturno, presenciar a reunião da brigada para a discussão, construção e ensaio da mística que seriam apresentadas nas manhãs seguintes.

Percebi que esse momento de preparação da mística é de grande importância, pois as pessoas nele envolvidas trocam idéias, propõem, discutem e, às vezes, é nesse momento que se conhecem melhor, uma vez que os assentamentos ficam distantes uns dos outros e até em cidades diferentes. Assim, é nesse momento de construção da mística que ocorre uma aproximação maior, em que eles se percebem portadores do mesmo ideal, compartilham idéias, expõem suas propostas, falam sobre sua vida, relembram outros companheiros, as lutas e ocupações de que participaram juntos, enfim, identificam-se na mesma linguagem; porque *no dizer das coisas, entendemos o que devemos fazer contra ou a seu favor* (BOGO, 2001:79).

Outro fator que considero importante nas apresentações da mística do grupo em questão é que ela sempre contempla o tema educação e produção. Os atores participantes da mística produzem um cenário (geralmente utilizam o chão da sala de aula, às vezes o pátio), nele desenham o mapa do Brasil, usam a Bandeira do MST e, sobre o mapa colocam seus produtos, ferramentas e alguns materiais usados para o estudo como livros, jornal do MST, canetas, lápis, no sentido de resgatar a linguagem ideológica, na qual as questões da terra se entrelaçam às questões da educação, da saúde, da moradia.

A mística, ao apresentar essa variedade de temas e linguagens, traz consigo um elemento muito característico do homem/mulher do campo, que é a questão do *gesto* como *comunicação e linguagem*. As pessoas que a apresentam são os principais instrumentos da ação.

No decorrer da mística muitas mensagens são colocadas através da expressão corporal, do toque entre eles, da apresentação dos produtos em suas mãos, pela simulação do ato de plantar e colher, pela dança suave ao redor dos produtos como reverência ao fruto que brota da terra e de seu trabalho.

Ao final da apresentação, é comum, como que para fechar a celebração e reafirmar o coletivo na luta, todas as pessoas presentes serem convidadas a cantar o hino do MST e, durante o refrão⁶, principalmente, é que se pode perceber como estes homens e mulheres se manifestam não só com a palavra. É pelo *gesto* que o militante demonstra sua firmeza, sua confiança na luta pela Reforma Agrária. O braço esquerdo erguido, o punho cerrado e a veemência do gesto é que representa a certeza, a esperança, a disposição e a confiança na luta e na organização. Nestes momentos, a linguagem político-ideológica do Movimento se apresenta com grande visibilidade, imprimida fielmente por todos, em todas as vezes que celebram a mística ou cantam o hino do Movimento independente do local onde estejam. Segundo BAKHTIN (2002), “*a fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo*” (BAKHTIN, 2002:126).

Durante a convivência com este grupo de educadores e pelo tema da pesquisa, detive-me a estudar a cultura do movimento destas pessoas e sempre me chamou a atenção o gesto forte e seguro, imprimido por um dos integrantes em todas as vezes que ele cantava o hino. Na entrevista com esse militante, abordei a questão do gesto referente ao hino do MST e então sua resposta foi a seguinte:

Eu particularmente acredito na luta e passo isso quando canto o hino, canto com vontade erguendo firme o braço esquerdo. Não consigo aceitar, me dói quando vejo uma liderança erguer o braço num gesto fraco, sem vida; não passa confiança. Para mim eu tiro o militante pela vibração de seu gesto. Se não fizer um gesto firme e forte não me convence, não me serve”.

A afirmação desse militante está impregnada da linguagem ideológica do MST, ao considerar que:

⁶ O refrão do hino diz o seguinte: “Vem lutemos, punho erguido, nossa força nos leva a edificar nossa pátria livre e forte, construída pelo poder popular”.

“Não basta cantar o hino, o importante é que seja divulgado, não só a letra mas também os *gestos* aos assentados, nas escolas, acampamentos, para que todos assimilem e saibam interpretar o hino, para que tenha sua representatividade como símbolo respeitado. Deve-se, sempre, em ocasiões internas, explicar o significado do hino e porque fazemos tais *gestos*, como a posição de sentido, ficar em pé, punho erguido quando cantamos” (CADERNO DE FORMAÇÃO Nº25 apud CASTELLS, 2002:263).

O que se percebe por parte do MST, com referência ao gesto, como em outras manifestações do movimento humano, é que são discutidos sempre na relação da divulgação da luta, da organização e do *trabalho como princípio fundamental; nada educa mais as pessoas do que o trabalho*⁷.

Esse fato pôde ser observado pelo grande volume de atividades sempre presentes em todos os encontros, tornando-os algumas vezes de certa forma cansativos e estressantes. Considero relevante, entretanto, adicionar a essa afirmação, a importância das relações sociais referentes ao lazer ou aos momentos do cuidado pessoal; pois, partindo do entendimento de homem como sendo um corpo e de que os cuidados voltados para esse são fundamentais e também educam.

Faço referência às Oficinas Pedagógicas⁸, oferecidas nos encontros de capacitação, aos momentos para atividades de lazer, bem como aos poucos momentos que reuniram os integrantes desse grupo para confraternização, quando era oferecido espaço para o lazer através da dança e da música. Entre esses poucos momentos de lazer, oferecidos nos encontros de capacitação, aconteceu um baile em que percebeu-se a transformação corporal das pessoas tanto no que se refere às formas de expressão e descontração, que foi ocorrendo no decorrer do evento, como no capricho com o vestuário dos homens e das mulheres que, no dia-a-dia de trabalho se vestiam com roupas simples, próprias da lida. Agora, algumas delas apresentavam maquiadas, de cabelos soltos e bem escovados, lábios

⁷ Boletim da Educação n.4 1995 (apud DALMAGRO, 2002:137).

⁸ As oficinas pedagógicas já mencionadas neste estudo, os espaços para atividades de lazer, bem como as confraternizações, foram propostas encaminhadas e executadas pela equipe pedagógica composta pelos educadores da Universidade, parceiros do MST no Projeto de EJA.

com batom, celebrando a beleza e a vida, quando o corpo do trabalho é também o corpo da festa que, para estas pessoas, representa um momento muito especial, mas não muito freqüente.

Tais espaços oferecidos, além de educativos, foram importantes para perceber que esses educadores de EJA podem e devem utilizar-se de outros recursos pedagógicos, para implementarem suas aulas junto aos educandos. Da mesma maneira podem possibilitar-lhes entender, pela prática dessas atividades, a importância da atenção que deve ser dada aos cuidados consigo próprio; pois também, por conta das suas atividades laboriais, que provocam um desgaste muito grande, se torna necessária a realização de atividades com exercícios relaxantes, de respiração, de posturas tranqüilizantes, movimentos que equilibrem o corpo contra as deformações dos movimentos operacionais dos trabalhos produtivos. Enfim, é vital também voltar-se de um conjunto de atividades capazes de eliminar as tensões físicas e psíquicas, *permitindo que o corpo se movimente harmonicamente dentro de suas características próprias* (SANTIN,1987:49).

Essas atividades foram sendo realizadas no decorrer dos encontros e tiveram importantes resultados, que começaram a aparecer nas manifestações das pessoas, em suas relações sociais; nos momentos em que eram solicitadas a se manifestarem pela fala ou pela própria desenvoltura das suas expressões corporais e por suas atitudes; na mudança de comportamento; no vestuário. nas confraternizações ao final dos encontros.

Faz parte do contexto sociocultural do homem e da mulher do campo o gosto pela música e pela dança, como já foi descrito no decorrer deste trabalho e como foi possível presenciar na convivência com eles. Bastava haver um intervalo nas atividades que alguém pegava do violão e puxava uma “cantoria”, geralmente com temas ligados à luta pela terra.

Convém registrar, porém, que na vida cotidiana estes homens e mulheres não costumam tirar um tempo para si; a rotina diária de trabalho é muito longa. Quando o agricultor chega da roça ainda encontra outras atividades para fazer, como recolher o gado, preparar a ração e alimentar os animais. Só depois é que encontra tempo para sentar, “prosear” e tomar um chimarrão.

Nestes momentos, pode-se observar as formas de comunicação e linguagem do homem do campo, com seus trejeitos e expressões características. Há toda uma cultura sua de movimento, o vestuário; seus acessórios utilizados na lida, na casa, construídos de forma

artesanal; a disposição das pessoas sentadas em forma de roda para tomar o chimarrão e “prosear” onde todos ficam de frente uns para os outros, possibilitando ver-se, escutar e falar com mais facilidade, o que demonstra uma interação no convívio entre familiares e vizinhos.

Já as atividades voltadas para o lazer, para o lúdico se limitam aos fins de semana.

Durante entrevista com uma educadora sobre as dificuldades de reunir os homens para as aulas ela expõe como motivos o seguinte argumento:

“Os homens trabalham na roça a semana toda, muitos trabalham de diaristas longe do assentamento. Saem na segunda-feira e retornam na sexta-feira de tardezinha, no sábado pela manhã saem para jogar futebol longe daqui, porque aqui não tem campo de bola e, como é longe, quando voltam já é tarde, vão pra bodega⁹ jogar dominó ou carta. No Domingo, quem é de missa vai pra missa, outros vão pra religião evangélica e tem uns que saem cedo pra pescar e só voltam de tardezinha. Na segunda-feira já voltam pro trabalho de novo!?. Aí fica difícil trazê-los pra aula”.

A justificativa da educadora revela como na maioria dos assentamentos o espaço para o lazer e o lúdico se limita aos finais de semana. Essa realidade é comum não só nos assentamentos a que pertencem esses educadores estudados, ela se estende para outras regiões. BELTRAME (2000:121), confirma uma realidade parecida, acrescentando que *no entretenimento dentro de casa, as opções são ouvir rádio, assistir à televisão, jogar cartas, tomar chimarrão conversando com os vizinhos*. A autora faz referência aos bailes ocasionais organizados pela igreja, eventos de caráter beneficente, e os eventos promovidos pelo MST, como viagens, diversão e o conhecimento de outras realidades. Nestas práticas cotidianas estão caracterizadas as suas formas de comunicação e sua linguagem.

CONCLUSÃO

⁹ Bodega é o nome dado pelos assentados ao mercadinho comunitário, que também é uma espécie de bar.

Para que a comunicação ocorra entre os indivíduos de uma organização social se faz necessário a utilização de signos que traduzam idéias, sentimentos, vontades, pensamentos de forma bastante precisa. A linguagem ordena o real. Ela fornece os conceitos e as formas de organização do real que constituem *a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento* (OLIVEIRA 1993:43).

Porém, toda esta construção, aquisição/apreensão dos signos e símbolos é um processo corporal, pois, *o gesto é o signo inicial que contém a futura escrita do educando*, assim como uma semente contém uma futura árvore. [...] *os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos são, freqüentemente, simples gestos que foram fixados* (VIGOTSKY, 1991:121).

A linguagem condiciona a consciência, portanto condiciona o pensamento, a atividade mental que *são modelados pela ideologia* (BAKHTIN, 2002:16). O MST, como uma organização social e política está apoiado em uma ideologia; contudo, pela convivência, percebe-se que são múltiplas as linguagens internas que dão vida ao Movimento. O MST é um Movimento em constante movimentação, com uma linguagem ideológica constituída, mas que enfrenta no seu interior outras linguagens também ideológicas, que contrastam com sua proposta de Reforma Agrária. Talvez semelhante efervescência possa se constituir como espaço de luta para a construção e consolidação da democracia, pois as diferenças precisam ser respeitadas e vistas como características da diversidade humana.

O MST compreende que a Reforma Agrária é muito mais do que a luta pela terra; ela abrange outras conquistas sociais, como a moradia, a saúde e a educação vistas como direitos à conquista da cidadania, conforme pôde-se constatar ao longo desta pesquisa.

No entanto, estas condições de vida, para serem conquistadas, precisam da união de seus componentes que, por sua vez, só acontece quando adquirem uma consciência social e política. Essa consciência política se constrói dentro do MST através da participação de seus militantes nas atividades do Movimento.

Neste contexto de atividades, pode-se afirmar que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem como objetivo a alfabetização entendida como formação política, já que a compreensão do ato de ler e escrever vai para além do ato mecânico apenas. Ela abrange o entendimento de leitura da realidade, de mundo, da compreensão dos fatos pelo estudo e

pela pesquisa, pois a leitura do mundo precede a leitura da palavra; daí que a posterior leitura desta não possa dispensar a leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica *a percepção das relações entre o texto e o contexto* (FREIRE, 1993:11).

Torna-se necessário encontrar formas alternativas e educativas que proporcionem ao educando situações de ação e reflexão com base em suas práticas sociais e, ao mesmo tempo, é preciso possibilitar que este possa expressar suas opiniões, sua cultura, seus hábitos, seus desejos, seus sentimentos, suas emoções; pois, com o escrever, o calcular e o ler o mundo ele poderá aventurar-se a escrever, calcular e ler outras realidades.

O movimento humano é parte constituinte neste processo educativo. Portanto, nesta perspectiva busquei enfocá-lo como um dos elementos que possibilitem apontar para uma prática pedagógica voltada às necessidades dos educadores/educandos de EJA do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Com referência às linguagens encontradas dentro do Movimento, destacamos a **mística como possibilidade de múltiplas linguagens**. Ela pode ser considerada como *instrumento pedagógico na formação política dos militantes do MST* (MEDEIROS, 2002); Porque, pela celebração da mística, os Sem Terra buscam revigorar sua força, manter a unidade, a consciência política e ideológica. Sem falar que ela também contribui para resgatar a memória, possibilitando estimular a mobilização social e a reflexão crítica sobre a realidade, o cultivo e resgate das utopias.

A celebração da mística no contexto do grupo de educadores de EJA segue na busca desses mesmos objetivos traçados pelo Movimento, por acreditarem que a revolução cultural é fruto de uma construção cotidiana.

A mística, como pudemos observar na convivência com esse grupo de educadores, foi apresentada diariamente, conforme já registrado nesse trabalho, contudo, em nenhum dos planejamentos¹⁰ das atividades previstas e realizadas nos encontros de capacitação e encontros regionais, previam-se momentos específicos para estudar e discutir a importância que tem a *mística* para os MST. Então, concordamos com MEDEIROS (2002:201) sobre a necessidade de compreensão sobre o que é a mística, seus significados e objetivos, para que

¹⁰ Nos planejamentos constavam somente os horários de apresentação da mística.

sua prática não se perca em uma espontaneidade vazia., que não seja o ato pelo ato, mas sim a concretização do que se acredita e quer realizar.

Por estes motivos, considero a mística um assunto relevante para ser tratado com mais especificidade entre os educadores de EJA, uma vez que o próprio Movimento apresenta em seus materiais didáticos, tais como livros, cadernos de formação, bem como estudos acadêmicos realizados por seus intelectuais orgânicos, elementos que proporcionam um estudo aprofundado sobre a mística dos Sem Terra.

A mística deve ser entendida como linguagem que socializa e singulariza o ser humano que se reconstrói como sujeito de desejos, que se apropria de conhecimentos socialmente compartilhados para os recriar em novas aprendizagens (MARQUES, 1996:91), pois o que está envolvido no aprender é a “*transformação da nossa corporeidade*” (MATURANA 2001:60), que segue um curso ou outro dependendo de nosso modo de viver. O aprendizado tem a ver com as mudanças estruturais que ocorrem em nós de maneira contingente com a história de nossas interações.

Para tanto, faz-se necessário entender a corporeidade como a inserção de um corpo humano em um mundo significativo, numa relação dialética consigo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo, como *corpo vivenciado, espaço expressivo* por excelência, pelo *qual o processo da vida se perpetua* (FREITAS, 1999:57).

Considero importante que se volte a atenção para as questões e discussões referentes ao corpo, pois é como corpo que existimos. O corpo, no contexto vivencial em que ocorreu este estudo, é compreendido como instrumento de trabalho, de produção. Esse corpo envolto cotidianamente numa rotina intensa de trabalho, precisa perceber-se humano, com direito não só ao trabalho, mas ao descanso, ao lazer, ao lúdico como condição de dignidade. Embora sendo como corpo que esses homens e mulheres expressem um universo de significações tanto nas atividades cotidianas de trabalho como nas atividades sociais e políticas do Movimento, não há ainda entre eles esta consciência referente ao corpo, o que nos permite sugerir como temática importante a ser estudada nos cursos de formação e capacitação dos militantes do Movimento, já que, obviamente, é como corpo que se vive. Uma transformação social compreende uma transformação da corporeidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *In: Cadernos de pesquisa*. São Paulo: Cortez, mai., 1991.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: ED. HUCITEC – ANNABLUME, 2002.
- BELTRAME, Sonia A. B. **MST, Professores e Professoras sujeitos em movimento**. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: USP, 2000.
- BEZERRA NETO, Luiz. Sem Terra aprende e ensina: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- BOGO, Ademar. **A vez dos valores**. Caderno de Formação nº 26. São Paulo: MST, 1998.
- _____. O MST e a Cultura. **Caderno de Formação nº 34**. Veranópolis RS: ITERRA, 2001.
- CALDART, R. S. & KOLLING, E. J. O MST e a educação. *IN: A reforma agrária e a luta do MST*. João Pedro Stédile (org.), Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. **Escola é mais que escola na pedagogia do movimento Sem Terra**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- CASTELLS, Alicia N.G. A ritualização dos valores do MST. *In: VENDRAMINI, Célia R.(Org.). Educação e movimento na luta pela terra*. Florianópolis: NUP/CED, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez,

1991.

DALMAGRO, Sandra L. O trabalho na pedagogia do MST. In: VENDRAMINI, Célia R.(Org.). **Educação e movimento na luta pela terra**. Florianópolis: NUP/CED, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 28^a ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREITAS, Giovanina G. O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAKARENKO, A. S. **Poema pedagógico**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.

MARQUES, Mario Osorio. **Educação / interlocução, aprendizagem/ reconstrução de Saberes**. Ijuí; Editora UNIJUÍ, 1996.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MEDEIROS, Evandro C. **A dimensão educativa da mística SEM TERRA**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: CED/UFSC, 2002.

OLIVEIRA, Ana Claudia. **Fala gestual**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

OLIVEIRA, Betty. Elementos para uma ontologia da educação na obra de Demeval Saviani. **Dermeval Saviani e a educação brasileira: O Simpósio de Marília**. São Paulo: Cortez, 1993.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: UNIJUÍ, 1987.

_____. Uma busca da filosofia do corpo. **Revista Kinesis**, 5(1):63-90. 1989.

VYGOSTSKY, L. S.. **A formação social da mente**. 4^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.